

## 5 VISLUMBRANDO UM NOVO DIÁLOGO: O INTERCÂMBIO DE GERAÇÕES É POSSÍVEL

Nossa pesquisa concentrou uma seqüência de desafios. Inicialmente, o próprio tema a que nos propusemos estudar apresentava-se com características originais visto que conectar meio ambiente, educação e terceira idade exigia de nossa parte a descoberta dos nexos existentes. A partir de um estudo detalhado das características físicas e psicológicas das pessoas de 3ª idade, tentamos encontrar nelas a possibilidade de desenvolvimento, de absorção de conceitos e posturas novas. Em seguida, procuramos vislumbrar ser possível que elas também possam embeber-se dos princípios e valores da educação ambiental. Optamos nessa direção por acreditarmos, tal como nas ciências ditas exatas, que, nas ciências humanas, precisamos transgredir se quisermos atingir patamares compatíveis com as exigências de uma sociedade que requer momentos audaciosos, mas responsáveis, na busca da sustentabilidade.

Não temos a exata consciência da dimensão atingida, até porque, tanto as questões ambientais quanto a temática envolvendo a terceira idade, mostram-se eventos recentes, não dispendo de produção teórica que os envolvam concomitantemente. Todo e qualquer estudo embasado nessa correlação tem caráter especulativo.

Nosso interesse é colaborar na edificação de uma sociedade sustentável, que só se atinge com uma consciência ecológica. Por sua vez, tal noção , preferencialmente, deve advir de ações pedagógicas, como a educação ambiental.

Considerando a relevância que o segmento populacional representado pelos idosos vem adquirindo, tentamos, junto a um grupo organizado, encontrar elementos que gerassem conhecimento e, conseqüentemente, aprendizagem. Destacamos que os primeiros sinais de tal evidência foram-nos ressaltados quando percebemos que a vivência coletiva, para os idosos, era um fato novo, visto se tratar de um grupo com experiências anteriores quase exclusivas com o vínculo familiar. No momento, livres do compromisso da educação dos filhos, independentes quanto a horários e obrigações de trabalho, buscam oportunidades de questionar seu próprio momento de vida e seu espaço ocupado além dos limites familiares.

Já nos primeiros contatos, quando refletimos sobre a condição e o privilégio de viver bastante, tentamos com que fizessem uma re-leitura da vida até então subsistida. Na riqueza de depoimentos, foi possível antever um clima favorável para repensarem, também, sua prática, clima propício para a educação ambiental.

### **5.1 Descrição do grupo estudado: sua escolha**

A pesquisa foi efetuada com o Grupo de Idosos Acanguaçu, diretamente ligado a Secretaria do Bem Estar-Social e Cidadania da Prefeitura Municipal de Canguçu. O Grupo formou-se, em 1983, e, na época, foi uma iniciativa da Legião Brasileira de Assistência (LBA), órgão que tinha uma representação na cidade. Sua fase embrionária contava com apenas quatro casais de idosos.

Com a extinção da LBA, em 1985, já contando com mais ou menos 40 idosos, esse grupo passou a funcionar junto ao Gabinete do Bem-Estar Social, órgão responsável por atividades de promoção social junto à população de baixa renda do município. Em janeiro de 2001, com a fundação da Secretaria do Bem-Estar Social e Cidadania, seus membros passaram a contar com a estrutura e organização dessa secretaria, utilizando suas dependências para quase todas as atividades.

Ele oferece a seus inscitos atividades, como palestras de cunho educativo em ocasiões especiais, excursões, passeios rápidos, como em bailes, recreação, artesanato e educação física. Atualmente, conta, aproximadamente, com 200 inscitos, incluindo um grupo que funciona na zona rural. Na cidade, o grupo é separado em subgrupos, cujas atividades são desenvolvidas em um dia próprio da semana. Dentre as 200 pessoas inscritas, há uma participação constante e efetiva de somente 120 pessoas. A nossa amostra é de 12 pessoas, o que corresponde a 10% dos que realmente freqüentam as reuniões e/ou encontros do Grupo Acanguaçu.

O funcionamento das atividades do grupo coincide com o período escolar. Iniciam nos primeiros dias de março, encerrando no mês de dezembro. Visando efetivar o trabalho, há monitores, todos mantidos pelo governo municipal. Há também a colaboração do Governo Federal com uma pequena verba, e voluntários da comunidade para acompanhar atividades específicas.

Pelo pioneirismo, organização e sucesso de seus eventos, à coordenação do grupo foi solicitado o auxílio da implantação desse programa nos municípios de Santana da Boa Vista, Piratini e Arroio Grande. Da mesma forma, serviu de inspiração para a formação de grupos semelhantes em Cristal e Camaquã. Na

própria cidade, já foram fundados mais dois grupos, que funcionam como ONGs, sendo o Acanguaçu o que reúne as pessoas em situação de vulnerabilidade social.

Na amostra pesquisada, somente dois elementos têm o 1º Grau completo de escolaridade. Os demais são analfabetos ou semi-alfabetizados. O grupo entrevistado é composto de sete mulheres e cinco homens.

Nosso contato com o grupo iniciou-se nos primeiros dias do 2º semestre de 2002, de maneira bem informal, quando participamos de alguns bailes em que eles estariam presentes. Após, nos meses de outubro e novembro daquele ano, proporcionamos ao grupo geral três encontros: no primeiro, palestramos sobre a importância da 3ª idade hoje; no segundo encontro, discorremos sobre o meio ambiente e o seu valor; e, no terceiro encontro tivemos a oportunidade de dialogar com eles sobre a importância da vida em geral, de suas vidas longas e o que significam os grupos de 3ª idade para eles. Essas pequenas palestras foram acompanhadas de projeção e, em seguida, por um pequeno debate sobre os temas trabalhados.

Logo após, houve um 4º encontro onde expusemos detalhes sobre nossa pesquisa e interrogamos sobre quem gostaria de participar das entrevistas. A grande maioria manifestou-se interessada, por isso optamos pelo sorteio para conseguir nosso percentual. Marcamos uma outra reunião na qual realizamos o sorteio e propiciamos uma pequena integração. Destacamos que a grande maioria dos participantes deste Grupo de Idosos é composta de mulheres, bem de acordo com a afirmação de Debert (1999, p. 139):

No Brasil, os programas para a terceira idade têm mobilizado sobretudo um público feminino. A participação masculina raramente ultrapassa os 20%, e o entusiasmo manifestado pelas mulheres na

realização das atividades propostas contrasta com a atitude de reserva e indiferença dos homens.

No dia marcado para o sorteio, os poucos homens que haviam participado dos encontros anteriores, quase desapareceram. Vieram somente dois, e assim mesmo, recusaram sua inserção. Nossa exigência era que as pessoas a participarem do sorteio tivessem acima de 60 anos e fossem oriundas da zona rural. Já havíamos combinado que a amostra contemplaria seis homens e seis mulheres. Sorteamos, então, seis mulheres, dada a impossibilidade de sortear seis homens.

Continuamos a manter contato com o grupo, observando-os em outras atividades, como artesanato e bailes. Após muitas conversas, começamos a indagar se, entre seus conhecidos, freqüentadores esporádicos das reuniões ou participantes dos bailes, havia quem estivesse interessado nas entrevistas. Aos poucos, foram surgindo interessados e, por isso, contamos com cinco pessoas do sexo masculino. Mais adiante, sorteamos mais uma mulher, entre as muitas voluntárias que queriam fazer parte do grupo entrevistado.

Nossas entrevistas ocorreram entre abril e dezembro de 2003, nas dependências da Secretaria do Bem-Estar Social e Cidadania.

## **5.2 Aspectos metodológicos: coleta e análise de dados**

A realidade que procuramos investigar exigiu uma abordagem qualitativa, muito embora qualquer objeto de estudo sempre envolva elementos quantificáveis. Nosso estudo avaliou significações e valores. Só nos foi possível detectar a interação das pessoas de terceira idade com o meio ambiente porque penetramos no universo de suas representações. Para tanto, valemos-nos de Minayo (2002, p. 21), que afirma:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Neves (1998, p. 8), ao mencionar pesquisa qualitativa, comunica-nos:

A pesquisa social qualitativa tem como objetivo a compreensão e a reconstrução da realidade social, especialmente a reconstituição dos sentidos e motivações das ações dos indivíduos, a descrição, explicação e interpretação das ações sociais e dos *milleus* sociais e a reconstituição de estruturas da ação". Ora, isso aponta-nos a uma metodologia adequada para compreender mudanças em curso dentro de um grupo social específico.

Acreditamos que o questionamento ao qual submetemos o grupo, quando fizemos a análise sobre suas atitudes e comportamentos em relação ao meio que os cerca, provocou mudanças comportamentais no seu dia a dia. Haguette (1995, p. 63) salienta-nos: "Os métodos qualitativos enfatizam as especificidades de um fenômeno em termos de suas origens e de sua razão de ser". A autora sustenta ser a sociedade uma estrutura que se movimenta mediante a força social, individual e grupal.

Conforme descrito, para coletarmos e analisarmos os dados da ação investigatória, usamos técnicas qualitativas. De acordo com Cortes (1998, p.17), "[...] predomina o uso de técnicas qualitativas quando o problema da pesquisa versa sobre questões teóricas críticas ou quando se sustenta em abordagens teóricas que requerem o emprego dessas técnicas".

Escolhemos para a coleta de dados a técnica da entrevista. Elegemos proceder assim por sabermos tratar-se de uma das mais utilizadas quando a questão é

analisar as relações humanas com o objetivo de verificar suas concepções, sentimentos, valores e expectativas.

Colognese e Melo (1998, p. 143) a explicam:

A entrevista pode ser definida como um processo de interação social, no qual o entrevistador tem por objetivo a obtenção de informações por parte do entrevistado. Enquanto técnica de obtenção de informações, trata-se de uma conversa interessada, orientada pelo entrevistador para fins de pesquisa, pela qual se objetiva apreender informações sobre o comportamento e a consciência dos sujeitos investigados, tanto quanto possível, em seu estado dado, objetivo.

Como entre as nossas questões de pesquisa estava colocada a análise das atitudes dos idosos em relação ao meio ambiente, enquanto na fase produtiva e na zona rural, por eles próprios, acreditamos que essa técnica enquadrava-se como adequada aos nossos propósitos.

Quanto à padronização dos aspectos a respeito dos quais interrogar, optamos pela entrevista semidiretiva ou semi-estruturada por julgarmos mais adequada às circunstâncias de nosso trabalho. Colognese e Melo (1998, p. 144) assim a definem: "Nesse tipo de entrevista, o entrevistador tem uma participação bem mais ativa em relação à entrevista não-diretiva, embora ela deva observar um roteiro mais ou menos preciso e ordenado de questões".

É possível, também, nesse tipo de entrevista, sairmos, com frequência do roteiro a fim de apresentarmos questões específicas para ajudar a compor o contexto, embora exija agilidade e pertinência por parte do pesquisador.

Quanto à natureza das informações, escolhemos trabalhar com a entrevista oral, quando registramos os dados com um gravador de voz, com autorização prévia do entrevistado. O horário das entrevistas foi previamente determinado em conformidade com os participantes, não havendo questões rigidamente pré-fixadas.

Para efetuarmos a organização e interpretação dos dados colhidos, empregamos a análise de conteúdo, que trabalha com o resultado de comunicações verbais, orais ou atividades que possam ser decompostas e classificadas, bem como materiais especialmente criados para a investigação, tais como transcrições de entrevistas ou de discussões em grupo.

Segundo Bardin (1979, p. 41), a análise de conteúdo pode ser definida como um:

[...] conjunto de técnicas de análise de comunicação visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção dessas mensagens.

Aplicamos a análise de conteúdo na perspectiva proposta por Moraes descrita no texto: “Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual qualitativa”.

Tal abordagem de análise textual qualitativa prevê etapas distintas enumeradas a seguir.

1º- Unitarização: de posse do material recolhido por intermédio das entrevistas, procuramos desmontar os textos com o objetivo de atingir unidades constituintes.

2º- Estabelecimento de relações: foi o momento de se fazer a categorização, isto é, agregar as respostas de acordo com os temas a serem abordados na análise dos dados. Para Moraes significa “construir relações entre as unidades de base, combinando-as e classificando-as no sentido de compreender como esses elementos unitários podem ser reunidos na formação de conjuntos mais complexos, as teorias”. Nesse momento, agrupam-se, por afinidade, as opiniões captadas.



3º- Captação do novo emergente: marcado pelo reagrupamento de idéias feito a partir das categorias, permite a construção do que Moraes chama de metatexto, resultante da nova combinação dos elementos construídos anteriormente. Esse texto, inicialmente descritivo, permitiu a construção de várias interpretações que nos conduziram para a etapa final.

4º - Reelaboração do texto: é a etapa cujo texto foi reelaborado, entrelaçando o que foi explorado na matéria inicial, desconstruído e categorizado, com os referenciais teóricos, numa perspectiva de que, a partir de sistemas caóticos, organiza-se uma nova ordem. O exercício anterior encaminhou-nos para essa etapa final, quando passamos a compreender o objeto de nosso estudo, num processo que o autor chama de “auto-organização”.

Acrescenta Moraes: “Os resultados finais, criativos e originais, não podem ser previstos de antemão. Mesmo assim, é essencial o esforço de preparação e impregnação para que a emergência do novo possa concretizar-se”. (MORAES, texto não publicado)

Logo após a análise das entrevistas, foi possível agrupar as idéias expressas em cinco categorias, a seguir discriminadas.

### **5.3 Relações com a natureza**

Conforme se observou, o grupo analisado viveu por muitos anos em contato direto, em profunda interação com a natureza, quer do ponto de vista biótico ou como abiótico. Reigota (1995, p. 75) traça uma distinção entre tais elementos:

bióticos são genericamente os seres vivos, e os abióticos são representados, principalmente, pela água, ar e solo.

O espaço de tempo que o grupo analisado viveu em interação com a natureza, varia entre 15 anos: a que o fez por menos tempo, até mais ou menos em torno de 60 anos: o que o fez por mais tempo, morando na zona rural. Hoje, este grupo mora na cidade, no perímetro urbano. Nosso questionamento junto aos elementos do grupo encaminhou-se no sentido de examinar o quanto se julgavam partícipes dessa natureza que trabalhavam ou o quanto se sentiam meros desfrutadores dos seus produtos.

Com exceção de uma entrevistada, filha adotiva, que viveu numa área maior, todos os outros, moraram em pequenas propriedades rurais, migrando dentro da própria região, em virtude do casamento, da aquisição de uma nova propriedade ou da composição de parcerias na agricultura. Fato comum era, quando a mulher contraísse casamento, passasse a morar com os sogros:

“Nós moramos primeiro na casa dos pais dele, depois fomos morar de terça, e depois, aquele homem vendeu aquele pedaço de terra, esse vendeu para outro, que vendeu para outro, que quis deixar a gente morando lá. Mas éramos para dar a metade e meu marido se aborreceu e não quis. Então, ele foi pedir ajuda ao pai dele e eles saíram e foram falar com um homem que tinha 15 hectares de terra, e arrumou dinheiro emprestado e comprou o pedaço de terra. E pagamos com o trabalho da gente. Nós não tinha nem casa”.(S.B.)

Como se pode perceber, a jornada de trabalho era intensa, inclusive para as mulheres, que levavam seus filhos para o “cercado” diariamente. As lides eram “de sol-a-sol”, parecendo, muitas vezes, que o trabalho era um castigo, e a natureza uma inimiga a ser vencida dia-a-dia, diferentemente da hipótese de Gaia, que vê a

terra como um organismo vivo, a natureza como mãe.(VIANA e HÖFELL,1998, p. 71).

O trabalho era feito de forma exclusivamente braçal. A exceção ficou por conta da rudimentar máquina de plantar feijão e milho: o arado e a capinadeira.

“Eu passei trabalho com meus filhos, quando pequenos, trabalhando grávida, com o bucho grande, quase pari uma vez no meio do campo”.(S.B.)

“O dia todo, só voltava para almoçar. Eu me criei debaixo do mau tempo”.  
(D.V.)

“Às 7 horas acordava, depois tomava um cafezinho, bebido, às vezes. Às 9 horas, era a merenda reforçada. A gente vinha às 11 horas e meia, almoçava, nem sesteava, só os velhos. A gente ia, de novo, à 1:30 horas pro cercado de novo. Quando tinha muito serviço, voltava 6h:30m ou 7 horas para casa”. (T.Z.R.)

Ao serem questionados sobre os perigos que enfrentaram, os mais citados foram os relacionados com a própria natureza ou inerentes ao próprio trabalho, como mordida de cobras, tempestades ou o uso de ferramentas.

“Sim, tinha muito perigo, tinha cobras, tempestades, perigo em todo o lugar”.(D. M.)

“Se um cobra mordesse, era a coisa mais triste, se uma pessoa não desse injeção, se acontecesse algo, tinha que se tratar em casa, não tinha condução”.  
(T.Z.R.).

“Tinha cobra na lavoura. Um eucalipto podia cair na cabeça dele. Cortando lenha podem se ferir”.( S.B.)

Os três depoimentos anteriores, narram os riscos ambientais resultantes de contato com fenômenos da natureza: animais, clima, etc. e podem servir aos

objetivos da educação ambiental, que discute se os riscos eram maiores ou menores no passado.

Nos primeiros duzentos anos da sociedade industrial, os riscos dominantes eram externos, às vezes atingindo os indivíduos de forma inesperada, mas também podendo acontecer regularmente, permitindo que fossem calculados para que as populações se protegessem e se assegurassem. (GUIVANT, 1998, p.20).

Seus hábitos eram simples, não havia a força da informação via meios de comunicação. Os conhecimentos que adquiriam, quase sempre através da oralidade, eram transmitidos por ancestrais, o hoje denominado *boca a boca*. Para Moreira (1994, p. 129), "Em todas as sociedades humanas, a subordinação dos imaturos aos mais velhos é um fato normal e constante, e baseia-se na fraqueza da geração nova e na autoridade resultante da experiência social de que são depositárias as gerações mais antigas".

Por pura ingenuidade, ignoravam os perigos que começam a surgir ao se exporem ao uso de produtos tóxicos:

"Tive uma alergia com um farelo que eu dava pras vacas".(D.M.)

"Eu só trabalhava com arsênico, mas me dava dor de cabeça, aí eu deixei. Ele me fazia mal, mas eu larguei".(T.C.D.)

"Uma vez eu me envenenei no veneno pro feijão. Nós botamos remédio pra o feijão não abichar, aí fiquei ruim, quase morri"!

Essas falas revelam o quanto a pessoas se expuseram a riscos ao tentar dominar a natureza, isto é, sofreram os efeitos negativos, por exemplo, ao procurar controlar as pragas.

Guivant explica (1998, p. 5-6):

Ainda que nos tenhamos beneficiado com os avanços científico-tecnológicos (por exemplo, aumento da expectativa de vida e queda

das taxas de mortalidade infantil), ao abrirem-se novas áreas de conhecimento, também aumenta a distância entre o que se conhece e o que seria desejável conhecer. Em decorrência disso, afirmam eles [ao se referir a Douglas e Wildavsky], como não podemos conhecer tudo em relação a riscos, não pode haver garantias de que os riscos que as pessoas procuram evitar sejam, efetivamente, os que de forma objetiva provocariam nelas mais danos.

Embora nem todos nascessem em Canguçu (uma nasceu em Pelotas e outra em São Lourenço), observa-se que, nesta região, a prática era a policultura. Plantavam feijão, batata, cebola, alho, alpiste, ervilha, trigo, cevada, milho, amendoim. A agricultura era de subsistência, isto é, visava ao consumo da família. Só era vendido o excesso, através de compradores que vinham de caminhão da sede do município até a zona rural a fim de buscar mercadorias. Ou então, seus produtos excedentes eram vendidos na casa de comércio mais próxima da propriedade. Na época, o produto mais comercializado era o trigo. Ainda foi citado o cultivo do fumo, cultura extraordinária e, hoje, tendendo a ser monocultura na mesma região. Ou seja, sem um processo de reflexão, de educação ambiental expressa e explícita, quem educa a direção a tomar é o mercado e a maximização da exploração da natureza.

Essa constatação favorece o debate em educação ambiental, sinalizando que o determinante quanto à direção a ser tomada na agricultura não é o necessariamente melhor para a natureza nem para as pessoas, e, sim, ao mercado de consumo, mesmo superestimando os efeitos negativos ao meio ambiente.

Observou-se que havia uma preocupação com a estética porque quase todos os entrevistados citaram que possuíam um jardim ao redor da casa. Importante também era o cultivo da horta, quase sempre ao encargo da mulher, que usava "as beiradas da lavoura" ou a cultivava próxima à moradia, tarefa que era feita no intervalo do meio-dia ou antes de ir para o "cercado".

O comportamento desses trabalhadores da terra, hoje sexagenários, contrasta com a rotina dos agricultores de nossos dias. Para Lutzemberger (1985, p. 70),

*O agricultor moderno está tão alienado de seu ambiente natural como está o fabricante de automóveis da evolução geológica que deu origem ao minério de ferro e às jazidas de petróleo. Ele não sente a natureza, apenas maneja materiais, sementes e máquinas, como o engenheiro maneja ferro, cimento e plástico.*

Quanto à criação de animais, a situação era semelhante. Criavam principalmente a vaca para fornecer leite, o cavalo para o serviço, e animais de pequeno porte para o consumo, como porco, galinha, pato, peru, ovelha. Era comum cuidarem de abelhas, também para o uso próprio. Como não havia refrigeração, o abate era feito para o consumo imediato. Era costume conservar a carne dentro da banha do suíno.

“Era mais porco, mais galinha, mais peixe. Boi era mais difícil. Às vezes se matava um boizinho. Pra conservar a gente fritava a carne e tapava tudo com banha, depois para comer era só tirar a banha, e durava muito tempo. Assim foi nossa vida. Eu tive luz só depois que meu falecido morreu”.(S.B.).

Em relação à fertilização, havia quase total desconhecimento do adubo químico. Não dispunham de informações para controlar a erosão. No entanto, já havia alguma noção de conservação do solo porque costumavam utilizar nas plantações o estrume, cinza, palha de milho ou simplesmente o esterco de animais.

Parece incrível porque, considerando a idade de nosso planeta, poucos anos nos separam de hábitos tão simples e aparentemente tão inofensivos da humanidade. Quem imaginaria que o somatório de pequenas atitudes de pequenos agricultores, aliado naturalmente a empreendimentos menos tímidos das indústrias que, paralelamente já existiam, resultaria nessa mutação que ora vivemos? Será que

uma consciência ecológica, através da educação ambiental, adquirida agora por pessoas acima de 60 anos, baseada na sua história, não teria um peso decisivo na conscientização das novas gerações?

É do autor da Teoria de Gaia a afirmação:

A vida não se adaptou a um mundo inerte determinado pela mão inerte da química e da física. Vivemos em um mundo construído por nossos ancestrais, os antigos e o modernos, mantido continuamente por tudo o que está vivo hoje. Os organismos estão se adaptando em um mundo cujo estado material é determinado pelas atividades de seus vizinhos; isso significa que a mutação do ambiente é parte do jogo. (LOVELOCK, 1991, p.30).

Vejamos a seguir, os depoimentos comprovando que o relacionamento com a natureza não era propriamente harmônico.

“Naquela época não havia orientação. Não existia EMATER, EMBRAPA, e naquela época não existia estas coisas né?”(J.M.M.).

“A chuva vinha e levava tudo, e a gente não se dava por conta dessas coisas”.(O.F.R.).

“O adubo que a gente usava era feito por nós. Folhagem e esterco eram o nosso adubo”.(O.F.R.)

Quase como unanimidade, o maior problema vivido por eles foi a praga do gafanhoto, fenômeno que ocorreu na década de 50, e marcou profundamente todos os que foram afetados. Como era de se esperar, devido ao despreparo, tal calamidade foi enfrentada da forma mais rudimentar possível.

“A gente se juntava aos vizinhos e agarrava um fio de corda, cada um numa ponta e passava nas lavouras pra eles caírem e não devastarem tudo. Eles comiam as folhas e deixavam a espiga do trigo. Então era dia e noite. Eu era pequenina, mas me lembro daquele serviço”. (T.Z.R.)

“Eu me lembro dos gafanhotos. Nós matava com água quente, com porrete”[...] (D.V.)

A falta de tecnologia era sentida, bem como a ânsia por sua chegada. A respeito dessas observações, é importante que, no momento, os idosos meditem sobre os efeitos dessa tecnologia no manejo com a terra. Será que a mecanização da lavoura, o controle das pragas com agrotóxicos, enfim, o aumento da produção por essa via só ocasionou benefícios?

Com o intuito de facilitar suas lides, os locais escolhidos pelos agricultores para a construção das moradias ficavam perto de alguma água: açude ou arroio. Os arrosios e açudes eram usados para lavar a roupa e o consumo dos animais. A cozinha costumava ser abastecida por cacimbas feita por eles, geralmente resultante de alguma vertente de água próxima à casa.

“A água do arroio era só para tomar banho ou lavar roupa. A cacimba era para beber. Isso depois que chegou a energia e a gente comprou uma bomba”. (T.C.D.).

“Pra tomar a gente tinha uma cacimba. A gente nunca fervia”. (J.M.M.).

Em exato acordo com a visão antropocentrista, os bens naturais eram utilizados. Conforme a concepção judaico-cristã, o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus, portanto, superior a todos os outros seres vivos do planeta. Na Bíblia dos cristãos, está expresso: *Crescei e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a, e dominai sobre os peixes do mar e sobre as aves do céu, e sobre todos os animais que se movem sobre a terra.* (Gênesis, 1,28).

Justificava-se, portanto, que da terra só se tirasse proveito, sem refletir sobre suas conseqüências. Ao serem questionados sobre a derrubada de árvores, no passado, os depoimentos foram muito coincidentes.



“A gente fazia roça para a plantação. Fazia a lenha, também, naquele tempo não tinha fogão a gás. Eu não imaginava que isso [o desmatamento] iria acontecer”.(J.M.M.)

“Quando precisávamos, derrubávamos, por exemplo, roçar para fazer lavoura. Mas tinha árvores que meu pai cuidava e a gente não podia mexer. Era cedro, aroeira, cambará”[...] (O.F.R.)

“Eu vou lhe falar uma coisa de verdade. No meu tempo, eu nunca pensei que pudesse acabar as árvores e a natureza. Agora a gente está vendo”. (T.C.D.)

Quanto às queimadas, o comportamento era o mesmo. Inclusive o lixo doméstico era queimado, até mesmo as embalagens plásticas que começaram a surgir na época.

“Ficava difícil limpar sem ser queimando”.(O.F.R.)

“A gente fazia queimada, quando ia roçar a terra. Não tínhamos esse conhecimento que queimando a terra iria estragar”[...] (J.M.M.).

“Queimava. Até hoje tenho essa mania de queimar plástico. Ou é aproveitado, ou é queimado”.(D.M.).

As opiniões são claras quando lembram que colaboraram com o desmatamento, sem o conhecimento devido quanto aos efeitos dessa ação. Vale lembrar que, quando um vegetal é derrubado isso não representa um ato feito isoladamente. Ao cortarmos uma árvore, isso acarreta morte ou mudança no habitat de outros seres. Uma educação ambiental nessa fase da vida deve buscar a compreensão de que o nosso comportamento de conservação ou degradação desencadeia seus reflexos sentidos na sociedade, em um futuro próximo. A atuação na nossa propriedade, na nossa cidade e no nosso estado refletem em todo o planeta.

#### 5.4 Representações sobre o meio ambiente

Ao serem perquiridos sobre o que é meio ambiente, grande parte das manifestações não se aproximaram da noção estabelecida por Reigota (1995, p. 14), que o define como “o lugar determinado ou percebido, onde os elementos naturais e sociais estão em relações dinâmicas e em interação. Essas relações implicam processos de criação cultural e tecnológica e processos históricos e sociais de transformação do meio natural e construído”.

Com certeza, pela desinformação decorrente do analfabetismo e semi-analfabetismo, observou-se até confusão entre meio ambiente com IBAMA, PATRAM ou qualquer outro órgão fiscalizador. Percebeu-se, também, uma clara revolta contra o controle que é feito a fim de evitar maior depredação dos recursos naturais.

“Talvez 70% da população esteja fora dele [meio ambiente] e 30% dentro. Agora, às vezes, eles fazem demais. Pedro Osório mesmo, lá tinha mais ou menos 70 famílias que tinham uma fábrica de cerâmica, e quando veio o “meio ambiente” eles tiveram que fechar”. “O agricultor precisa se humilhar, para eles dizerem qual árvore pode ser cortada”. (O.F.R.).

“Meio ambiente? Eu não sei o que é”. (T.C.D.).

“Tem que dar mais poder ao agricultor! Deixar ele fazer o que quer na sua terra. Poder fazer uma roça[...]” (T.C.D.)

As manifestações expressam uma clara ambigüidade da legislação e fiscalização ambiental. Seria oportuno que os homens e as mulheres da 3ª idade pudessem comprovar como a legislação atinge de forma drástica os pequenos agricultores e pequenos oleiros, e de forma branda as grandes indústrias que

poluem o ar e as águas. Através da educação ambiental, poderiam transformar-se em pessoas que denunciasses essas injustiças cometidas.

Para alguns, a terminologia relacionada com o meio ambiente já é mais familiar, demonstrando contato, provavelmente via meios de comunicação, com tais noções. Atualmente, está ficando difícil ignorar os apelos de socorro feitos pelos ecologistas, que estão diariamente a nos atingir.

Não há campo do agir humano com o qual os ecologistas não se envolvam: preocupam-nos questões que vão desde a extinção de espécies, como as baleias e os micos-leões, a explosão demográfica, a corrida armamentista, a urbanização desenfreada, a contaminação dos alimentos, a devastação das florestas, o efeito estufa, as técnicas centralizadoras até as injunções do poder político que nos oprime e explora". (GONÇALVES, 2000, p. 7).

É o que podemos constatar de alguns dos depoimentos:

"É o local que a gente vive". (T.Z.R.)

"São as pessoas, os animais, as plantas e o convívio com essas coisas que fazem o meio ambiente". (J.M.M.).

Investigados sobre o abuso dos recursos naturais com finalidades lucrativas e a conseqüente exaustão da natureza, alguns demonstraram total desconhecimento do fato. Outros, justificaram-no como necessário, bem aos moldes dos que defendem que o progresso exige um preço. Vale lembrar o cartaz exposto pela representação brasileira na Conferência sobre Meio Ambiente Humano da ONU, em Estocolmo, em 1972:

Bem-vindos à poluição, estamos abertos para ela. O Brasil é um país que não tem restrições. Temos várias cidades que receberiam de braços abertos a sua poluição, porque o que nós queremos são empregos, são dólares para o nosso desenvolvimento. (DIAS, 1998, p. 38)

“Nunca ouvi falar”.(D.V.) [sobre maus tratos com a natureza]

“Já ouvi falar só de longe, pela televisão”.(A B)

“Já disse que antigamente podia cortar. Não era estragar. Se não fosse naquele tempo derrubar os matos, não tinha tanta coisa hoje”. (T.Z.R.)

“Todo o dia a gente ouve. Mas eu acho que é preciso isso”.(D.B.M.)

A educação ambiental faz-se necessária e urgente porque os idosos e idosas precisam ter conhecimento de que as notícias da televisão não estão longe de nós; o que ocorre em outras localidades são fenômenos idênticos aos locais. Igualmente, os benefícios produzidos para o conforto e bem-estar, necessariamente, causam danos à natureza. Há como equacionar.

### **5.5 Meio ambiente rural x meio ambiente urbano**

Muitos foram os motivos que estimularam esses pequenos agricultores a procurar a cidade, desde a busca por mais conforto, a procura por um trabalho “mais leve”, bem como a busca de assistência à saúde para aqueles que vieram em idade mais avançada.

Ao serem provocados sobre suas recordações de jovens produtivos, muitas foram as nostalgias, recheadas de alegria porque demonstraram satisfação em serem portadores de fatos históricos. Para Bobbio (1997, p. 30):

O mundo dos velhos, de todos os velhos, é, de modo mais ou menos intenso, o mundo da memória. Dizemos:afinal, somos aquilo que pensamos, amamos, realizamos. E eu acrescentaria: somos aquilo que lembramos. Além dos afetos que alimentamos, a nossa riqueza são os pensamentos que pensamos, as ações que cumprimos, as lembranças que conservamos e não deixamos apagar e das quais somos o único guardião.

Suas memórias indicam- nos que o acesso a políticas públicas é um forte atrativo na esfera urbana:

“Eu vim para a cidade por causa de doença mesmo. Eu tinha que tomar uma injeção todo o mês para o reumatismo, e o doutor dizia que se eu continuasse trabalhando eu ia ficar tortinha, tortinha. Aí eu vim para não trabalhar. [...] Às vezes eu vou para a casa dos meus filhos para caminhar pelo campo e olhar as hortas. [...] Aqui na cidade todo o mundo fica trancado. Ninguém se visita”. (S.B.)

“Eu gostava demais de mexer com a terra! Mas hoje não posso mais, né”?  
(A.B)

“Sempre que eu posso, volto lá fora para tomar água de cacimba. [...] Sinto saudades. Se eu pudesse vivia lá e não aqui”. (T.Z.R.)

Ao serem questionados sobre hábitos que possuíam e mantiveram na cidade, as respostas nomeadas foram o cultivo de jardim, a organização de pequenas hortas e a manutenção de animais de estimação, como gatos e cachorros. Por conta da educação ambiental, os educadores que trabalham com a terceira idade devem provocá-los no sentido de descobrirem se, no ambiente urbano, não existem animais que vivem sem serem introduzidos, ou seja, cuja habitat natural é o próprio meio citadino.

No contexto urbano, observa-se que são bastante sensíveis às questões do meio ambiente, como poluição do ar, lixo, entre outros. Já revelam noções de *reciclagem, seleção de lixo, controle do uso da água e poluição provocada pelo escapamento de descarga dos automóveis.*

Como a maior parte dos pesquisados não têm hábito de leitura, por se tratar de pessoas com pouquíssima escolaridade, atribui-se que essa conscientização deva-se aos meios de comunicação, principalmente o rádio e a televisão, considerados

fundamentais nesse processo. Diariamente, a mídia noticia crimes e atentados perpetrados contra a natureza, auxiliando a formação de uma consciência preservacionista, narrando e produzindo imagens da insensatez humana.

De acordo com Dias (1998, p. 62), “A EA deve dirigir-se a pessoas de todas as idades, a todos os níveis, na educação formal e não-formal. Os meios de comunicação social têm a grande responsabilidade de pôr seus enormes recursos a serviço dessa missão educativa”.

“Eu ouvi falar que em São Paulo a fumaça dos carros escurecem as ruas”.(T.C.D.)

“O plástico a gente doa para a prefeitura, o resto de comida a gente leva para os cachorros de uma senhora aqui e o que não presta a gente põe fora. Não jogamos qualquer coisa no lixo, não”.(J.M.M.)

“A gente recicla. O que não presta se põe no lixo pro caminhão levar”.(T.Z.R.)

“Eu tava vendo outro dia, que daqui a não sei quantos anos, ninguém vai agüentar o calor”.(D.V.)

“A erva eu ponho separada, boto no canteiro das flores, e o outro lixo vai para o lixeiro”.(S.B.)

“A água eu não desperdiço. Primeiro eu lavo as roupas brancas e uso essa água para lavar as escuras, assim eu economizo”.(T.Z.R.)

Pelas narrativas, podemos deduzir que nem sempre suas manifestações representam uma convicção ambiental, como é o caso da economia da água. Nessa situação, o que fala mais alto é o bom senso indicando que o uso da água em abundância acarreta gasto financeiro. Essa temática é um importante recurso na educação ambiental, considerando que as capacidades hídricas estão se esgotando e freqüentemente a mídia ocupa-se do assunto. O não-esgotamento de nossas

reservas depende de nossa vontade diária em economizá-la, mais uma vez comprovando-se que nossas pequenas ações cotidianas provocam reflexos no âmbito planetário.

Os riscos da vida urbana tornam-se crescentemente visíveis, ou melhor, são renovados pelas modificações no estilo de vida .

Hoje, o cotidiano destas pessoas é o espaço urbano, com riscos, talvez mais perniciosos que na zona rural, provavelmente agravado pela longevidade de que são portadores. Pode-se afirmar que, a vigorar esse tipo de desenvolvimento adotado pela nossa sociedade, baseado na exploração desenfreada dos recursos naturais, a humanidade encaminha-se para o caos. Suas considerações já demonstram uma aproximação com a incerteza, com efeitos perversos advindos do nexos entre seres humanos e natureza:

“Os carros poluem, mais ainda em Canguçu que é movimentada. Mas a maior parte [da poluição] vem do fumo”. (O.F.R)

“É perigoso passear nas ruas, tem que cuidar”. (S.B.)

“Os alimentos são um perigo, porque a gente não sabe o que está comendo”.  
(D.M.).

“Tomar remédio pode fazer mal, muito mal. Até os médicos têm medo”.(D.V.)

“O que nos prejudica mais é a falta de segurança, e principalmente é a criança na rua com fome”.(O.F.R)

“O maior problema hoje é a falta de serviço. A falta de trabalho. A gente quer trabalhar, mas não tem. O pessoal se vê obrigado a roubar”. (J.C.R.)

“Queimadas, por exemplo, as pessoas queimam dentro da cidade. Eles dizem que é falta de conhecimento, mas é desculpa. Outra coisa que faz mal, também, é a poluição dos veículos, quanto mais veículos tiverem na cidade, mais poluída ela fica,

né? Aqui felizmente não tem indústria, se tivesse era outra coisa que também polui muito”.(J.M.M.)

O curioso é que ninguém se reconhece como integrante de um sistema poluidor. A maior parte dos efeitos perversos é visível nos outros. Poucos conseguem dar conta de que alguns detritos domésticos contaminam a natureza como, por exemplo, o detergente usado na louça, o “shampoo” que lavamos o cabelo, o sabão com que a roupa é lavada, etc. Por isso, mais uma vez a necessidade da educação ambiental, que servirá para difundir os efeitos no meio ambiente - progressivamente mais gerais e intensos - bem como são relativamente democráticos, na medida em que todos tendem a ser atingidos.

Ao analisar os riscos mais recentes no nosso tipo de sociedade, objetivos, reais, mas freqüentemente invisíveis, e, sensivelmente mais difusos, assim explica Guivant (1998, p. 17):

O progresso gerado pelo desenvolvimento da ciência e da tecnologia passa a ser considerado como a fonte potencial de autodestruição da sociedade industrial, a partir do qual se produzem, por sua vez, novos riscos, de caráter global - afetando o planeta sem distinções de classe ou nacionalidade - difíceis de serem percebidos e expressos em fórmulas físicas e químicas.

Prosseguindo, a mesma autora afirma: “Os riscos que enfrentamos atualmente existem não apesar do conhecimento acumulado sobre nós e sobre o meio ambiente, mas justamente por causa desse conhecimento”. (GUIVANT, 1998, p. 18)

## **5.6 Representações sobre sustentabilidade**

Observa-se que alguns elementos do grupo já refletiram sobre as atitudes predatórias no passado, contribuindo para a presente crise ambiental, evidenciando



claros sinais da necessidade de comportamentos que visem a uma produção e a um consumo sustentável . Para Cavalcanti (1997, p. 28), “Optar pela sustentabilidade quer dizer adotar uma orientação de se conservar mais capital natural para futuras gerações. Isso implica a aceitação de uma filosofia de finitude e auto-restrição”. Neste sentido, o referencial para a sustentabilidade enfocará em todas as circunstâncias as dimensões do pessoal e do coletivo, do local e do planetário.

“Se a gente tivesse tido consciência, não lavraria terras para plantação nas beiras dos rios. Porque as enxurradas vinham, não tinha nível e corria tudo para dentro dos rios. Isso não era uma coisa boa, ia se depositando nos rios”.(O.F.R.)

“Olha, eu acho que hoje se tem mais consciência. Por que não havia consciência das pessoas, desmatava-se indiscriminadamente. Tinha que se ter mais consciência, apesar de que alguns não têm, porque saem queimando e desmatando por aí”.(J.M.M.)

Suas “falas” denotam que tais pessoas, pela experiência vivida em contato direto com a terra, apropriaram-se de muitos saberes, mesmo que elementares, isto é, laicos. Apresentam, também, disposição e interesse em evoluir esse saber para compartilhar com as novas gerações. Advém, então, um programa de educação ambiental para esse segmento social que quer aprender e ensinar.

A finitude dos recursos naturais torna-se bem evidenciada, quando dizem:

“A terra se estraga. Se a gente não cuidar dela ela se estraga”.(D.V.)

“A riqueza da terra acaba e se acabar, vão ter que recuperar. A gente recupera assim: se a gente ver que a terra já não tá produzindo, deixa ela por uns dois anos ou então planta parcelado: um ano planta feijão e outro milho”. (D.B.M.)

“Não dá mais, só com muito adubo, calcário, essas coisas. Quando eu saí lá de fora, ela já não produzia. Nem dava mais cuia, como se diz”! (T.C.D.)

Notamos que os depoimentos traduzem uma procura por alternativas de desenvolvimento, respeitando os limites que o meio ambiente impõe. O Desenvolvimento Sustentável ou Ecodesenvolvimento

[...] pressupõe um relacionamento entre sistemas econômicos dinâmicos e sistemas ecológicos maiores e também dinâmicos, em que a vida humana possa continuar indefinidamente, os indivíduos possam prosperar, as culturas humanas possam se desenvolver e os resultados das atividades humanas obedeçam a limites para não destruir a diversidade, a complexidade e a função do sistema ecológico de apoio à vida. (CONSTANZA, apud CAMARGO, 2000, p. 8).

Evidenciamos, também, uma reação à tendência para a monocultura do fumo, com conseqüências na sustentabilidade:

“Agora tá bruto! Naquela época não existia muita plantação, assim de fumo e essas coisas que agora tem muito. Está dando dinheiro. Eles abandonaram as plantações. O pessoal do interior vem na cidade comprar batatinha, verdura, essas coisas porque não plantam. Estão só no fumo”[...] (J.C.R.)

“As pessoas não estão ficando na zona rural, e os que plantam, a maioria planta fumo. A gente não vai comer fumo, tomar sopa de fumo. Vai faltar comida daqui a uns 8 anos. Ficam sendo enganados pelas empresas do fumo, que prometem tudo a eles.[...] Ficam matando a família, plantando e colhendo fumo, para depois ficarem doentes com aqueles venenos, que poluem as águas e as terras”. (O.F.R.)

Lutzeberger (1985, p. 70), há quase 20 anos, já previa o que hoje está acontecendo com a produção agrícola:

Pouco a pouco, o agricultor deixou de ser o camponês apegado à terra para transformar-se num empresário como outro qualquer. Produzir batatas já não é diferente de fabricar brinquedos, roupas ou

automóveis. Só interessa o fluxo do dinheiro. Os agrotóxicos e as aplicações cada vez mais maciças de fertilizantes solúveis e corretivos, com desprezo total da vida do solo, com mecanização cada vez mais intensiva em monocultura sempre mais brutal, tornaram-se a característica principal da agricultura moderna.

Ao ser solicitada uma comparação sobre os cuidados com a natureza pela geração deles no passado e pelas gerações de hoje, assim opinaram de forma heterogênea:

“Hoje eles cuidam muito mais da natureza”. (T.C.D.)

“Acho que cuidavam mais antigamente. Se preocupavam mais”. (J.C.R.)

“Naquela época, não faziam mais porque não tinham conhecimento. As pessoas costumavam fazer as coisas pensando no momento e não no amanhã”.(J.M.M.)

Não há um consenso quanto ao cuidado com a natureza, se foi melhor no passado ou no presente. Até porque há uma confusão quanto ao que significa cuidado. Para uns, *cuidar* é preservar a natureza, para outros, *cuidar* é adubar a terra, para dela tirar melhor proveito. Portanto, longe de um consenso, abre-se espaço para a educação ambiental que entre outros objetivos, propõe-se a aumentar os esforços para proporcionar informações sobre o meio ambiente, que possam promover a conscientização popular, de acordo com a agenda 21 - documento elaborado na Eco92. (DIAS, 1998, p. 110).

“No meu tempo, não se tinha coragem de jogar uma pedra num passarinho, nós cuidava tudo”.(D.V.)

“Agora eles cuidam melhor. Tem adubos, tem tudo e no nosso tempo, não”.(A.B.)

Importante seria que todos realmente soubessem CUIDAR. Porque, embora hoje estejamos vivendo uma desenfreada corrida espacial em busca de outros

espaços para habitarmos, quando nosso planeta transformar-se em deserto, poucos acreditam que isso seja possível. No momento, o mínimo que podemos fazer é pensar como Boff (1999, p. 133): "Cuidado especial merece nosso planeta Terra. Temos unicamente ele para viver e morar".

Não resta nenhuma dúvida de que essa interdependência entre a natureza e o bem estar humano são fundamentais. Para Mendes (2000, p. 356):

A natureza deve ser preservada, acima de tudo, porque ela representa uma fonte indispensável de matéria-prima. Se utilizada de maneira racional, a própria natureza encarregar-se-á de renovar os recursos necessários à nossa sociedade e às gerações futuras. Se mal administrada, os recursos faltarão e a destruição causada poderá ser irreversível.

### **5.7 Educação ambiental x grupo de 3ª idade**

O final do século XX e a aurora do século XXI assistem a novas tendências no relacionamento familiar, no trabalho, na vida social e no meio ambiente como um todo. Delineam-se comportamentos que se tornarão característicos do momento por conta da aceitação dos seres humanos em rever seus conceitos, seus questionamentos, suas ferramentas de trabalho, em busca de novos paradigmas.

A partir do momento em que o homem começou a modificar a natureza, plantando e colhendo, criando animais, erguendo construções, o planeta deixou de ser apenas paisagem natural para se transformar em espaço geográfico: um espaço humanizado, construído por meio do trabalho. À medida que mudam seus instrumentos de trabalho, a sociedade também vai se modificando: surgem novas formas de pensar, de morar, de se relacionar. Desenham-se espaços geográficos típicos de cada sociedade e de cada época. Por isso, ao olharmos uma paisagem, não podemos deixar de refletir sobre o modo como vive a sociedade que a construiu, e assim discutir as novas formas de organização social que surgem com o avanço tecnológico. (MOREIRA 1992, p. 48).

Os avanços científicos e tecnológicos provocaram o aumento da expectativa de vida e, por isso, estamos diante do advento da longevidade com conseqüências em todos os segmentos de nossa vida social. Os velhos não podem mais ser ignorados. Não somente isso, os velhos precisam ser ouvidos. Segundo Debert (1999, p. 14).

[...] tentativas de homogeneização das representações da velhice são acionadas e uma nova categoria cultural é produzida: os idosos, como um conjunto autônomo e coerente, que impõe outro recorte à geografia social, autorizando a colocação em prática de modos específicos de gestão.

Pinto (1999, p. 112-113), ao abordar o rompimento rígido do público e do privado, ao ser denunciado que o privado era político porque havia relações de poder dentro dele, explica que, a partir daí, emergem os novos movimentos sociais. Grandes responsáveis por essa ruptura histórica, as feministas ascenderam da mesma forma outras minorias reprimidas, como os negros, os índios, os gays, as lésbicas, os velhos, entre outros. Logo, desenham-se novos sujeitos sociais, constituídos também, por cidadãos da terceira idade, revigorada pelos atributos provenientes dos adiantamentos da ciência e da tecnologia.

As pessoas em idade avançada, hoje, não querem nem devem viver como anônimas, enterrando sonhos ou morrendo para a vida. Somos expectadores de uma velhice com visibilidade, haja vista que grande parte das pessoas as quais atingem idade avançada são portadoras de saúde e energia e encaram o envelhecimento como mais uma etapa da vida e não uma fase somente de declínio ou degeneração. Os grupos de convivência têm sido apontados como espaços de promover um envelhecimento bem sucedido, bem como, especialmente um lugar de resgate da cidadania e de reconstrução da compreensão do meio ambiente.

Nossos pesquisados compartilham de tal opinião:

“[...] aí, na primeira música que dancei, esqueci de tudo. [...] fiquei outra pessoa. A gente reza, canta e eu adoro estas coisas. Fico triste o dia em que não posso vir.[...] Quem entra, não quer mais sair”.(S.B.)

“[...] aqui a gente tá sempre rindo e se abraçando”[...] (D.B.M.)

“Quando meu esposo morreu as crianças eram pequenas. Eles foram crescendo e eu disse que agora ia ser a minha vez”. (T.Z.R.)

“Tem benefício sim(o grupo), claro que tem. Porque as pessoas quando chegam a uma certa idade se julgam inúteis, e fazendo algo elas se acham capazes”. (J.M.M.)

“Estão (o grupo) ajudando 100%. O nível de vida está ficando muito melhor”.(O.F.R.)

Ingressar nesse grupo de 3ª idade para eles, foi, com certeza, um divisor de águas em suas vidas, quando encerraram um período de abandono ou solidão provocado pela ausência de afazeres que recheiam de significado a vida. Traduz-se como uma superação da falta de emprego, da separação ou perda do companheiro para uma etapa de novas amizades, passeios, bailes e festas em geral. Alguns disseram que aqui voltaram a viver.

Enfocar a educação ambiental na 3ª idade consiste, também, na renovação do significado da vida em sociedade. Em última instância, trata-se da construção de um novo sujeito.

O surgimento de problemas sócio-ambientais como ameaçadores à sobrevivência da vida na terra é um fenômeno relativamente novo para a humanidade. [...] A educação ambiental surgiu como uma nova forma de encarar o papel do ser humano no mundo. (PÁDUA, 1997, p. 7).

Quando foram interrogados sobre a questão da desigualdade social, ou seja, sobre o fato de existirem pessoas ricas e outras em completa miséria, representar ou

não um problema para o meio ambiente, o Grupo de Idosos Acanguaçu expressa opiniões divergentes, como:

“Acho que é um problema, sim. Porque os pobres não podem comprar tudo o que precisam. Sobra para uns e falta para outros”. (A.B)

“É um problema, o rico tem o problema dos ladrões e o pobre de não ter nada”.(T.Z.R.)

“Eu acho que Deus pôs na terra assim, uns ricos e outros pobres. Não pode ser todo mundo igual. Não tem condições”.(S.B.)

Tais observações evidenciam a urgência da educação ambiental para todos, inclusive os da terceira idade, principalmente quando já existem grupos organizados como esses de convivência, que se proliferam com sucesso. A Carta do Rio de Janeiro sobre Desenvolvimento e Meio Ambiente, em 1992, assegura:

“Princípio 1: Os seres humanos devem estar no centro das preocupações, no que diz respeito ao desenvolvimento sustentado. Todos têm direito a uma vida saudável e produtiva em harmonia com a natureza”. (DIAS, 1998, p. 271).

O perfil de nossos idosos hoje, mesmo vivendo eles sob condições econômicas mínimas, como são os do grupo pesquisado, indica uma ótima auto-estima. Os idosos e idosas estão a exigir que tenhamos novas posturas diante deles, inclusive desafiadoras. Destaca Ramos (2002, p. 171):

Muitas vezes, um comportamento paternalista que exacerba a dependência pode ser tão devastador para a saúde de um idoso quanto qualquer doença de caráter físico. A capacidade e a possibilidade de ajudar, de participar como sujeito ativo nas interações, podem promover resultados positivos na saúde, principalmente na saúde mental das pessoas idosas.

O grupo pesquisado mostrou-se aberto a novas informações e aprendizagens, afirmando que continuam aprendendo, principalmente com os companheiros dessa

turma, com os filhos e netos. Nossa sociedade relutou em aceitar que as pessoas com idade avançada ainda tenham capacidade para aprender. Para Souza (2002, p. 35), há carência de tradição em pesquisas relacionadas com o potencial de aprendizagem dos idosos.

Além disso, eles mostraram disposição para contar suas experiências às novas gerações, falar sobre sua época de maior produtividade, dizendo que já costumam conversar a respeito com sobrinhos e netos.

“A nossa experiência a gente passa”. (D.B.M.)

“Eu falaria com os jovens, se for preciso eu falo. O que eu sei, eu falo. Não sou um homem de contar besteiras”.(T.C.D.)

A troca de informações por gerações diferentes é saudável e necessária. “A função social do velho é lembrar e aconselhar, unir o começo e o fim”.(CHAUÍ, 1987, XVIII).

Experiências como o projeto da Universidade da *Totalidade*, promovido pela PUCRS, comprovam o quanto é rico o intercâmbio entre as pessoas mais velhas e os jovens, pois, a partir disso passaram a entender o processo de envelhecimento. “Os jovens universitários, participantes desses projetos, modificaram significativamente seus conceitos de velhice e envelhecimento” declaram Varini, Bulla e Santos.(2002, p. 193).

Reigota (1995, p. 11) ressalta que a educação ambiental deve basear-se, sobretudo, no diálogo de gerações. Portanto, a EA pode ser o ponto de partida para uma convivência intergeracional mais sadia, com o enriquecimento de ambas as partes. Os jovens não podem subestimar a capacidade dos velhos em reinventar sua história, e os velhos não podem dispensar os impulsos criativos dos jovens. Para Monteiro (2001, p. 134)



O conflito de gerações, não raro de ser visto, provoca desperdícios de possibilidades tanto para os jovens que possuem uma menor bagagem histórica, quanto para os velhos que são tolhidos em sua expressão. Ambos perdem a possibilidade de descobrirem novos arranjos e interpretações para as suas experiências.

Promover EA na terceira idade pode transformar-se num importante processo de inclusão, porque eleva a auto-estima e tenta resgatar sua cidadania.

A educação ambiental, no seu nascedouro não possuía seus princípios bem definidos. Eles foram evoluindo, sendo concretizados através dos seus objetivos, que foram sendo elaborados e traduzindo os anseios de uma comunidade internacional que busca soluções comuns para as questões ambientais. Porém, discorrer sobre programas definidos e ações concretas depende da criatividade de quem nela está envolvido. Elas devem brotar em cada realidade adversa, em cada circunstância específica, exigindo competência dos educadores.

Abranger a terceira idade com a educação ambiental também é uma tarefa pertinente, através de atividades informais, não-formais e formais. Os meios de comunicação podem e já estão colaborando, bem como as escolas que trabalham com educação de adultos e educação permanente têm essa importante missão. Nossa pesquisa teve o propósito de observar atentamente um grupo de convivência e nele fomos capazes de identificar essas possibilidades.

Sob uma ótica freiriana, em primeiro lugar, precisamos considerar que esses homens e mulheres os quais desenvolveram no passado, no meio rural, e desenvolvem hoje, no meio urbano, atividades diárias relativas ao meio ambiente, possuem já um saber formulado, como demonstraram nas entrevistas. Esse saber não pode ser desprezado, e, sim, ser apropriado numa nova dimensão, isto é, em conformidade com o espírito de uma educação ambiental. Da mesma forma, com a nova experiência de grupo, os idosos e idosas podem construir novos

conhecimentos , num exame constante de suas práticas no ângulo particular do seu próprio mundo e nas novas relações estabelecidas, com vista a uma integração na esfera planetária. Invocando Freire (1980), torna-se mais fácil entender que a conscientização ocorre na existência coletiva dos homens, isto é, por intermédio dos relacionamentos que firmamos, relativizados pelo mundo, pelas condições próprias da vida.

Concretamente, com as pessoas idosas, pode-se, por exemplo, analisar sua trajetória e de todos que pertencem à 3ª idade, concernente ao uso de adubos abusivos, equipamentos não adaptados às nossas regiões, que provocaram a contaminação e a perda de fertilidade do solo. Tais recursos, a propósito de revolucionar as lavouras, não significaram senão tecnologias importadas, que, na verdade, só funcionaram como instrumento de dominação dos países ricos. Há de se ter o cuidado de desvelarem essa realidade complexa e obscurecida, pois tais artifícios continuam sendo usados com outras máscaras.

Foi possível detectar entre essas pessoas de saber e vida simples, que possuem noções de éticas consolidadas. Esse saber deve ser implementado porque a relação com a natureza requer ética e, principalmente, novas relações sociais, que não devem comportar mais estratificações e desigualdades. Eis, um importante questionamento da educação ambiental.

Outro aspecto relevante a ser trabalhado trata-se da questão do consumo. As pessoas de terceira idade, por conta no novo estilo de vida, nos últimos tempos, têm sido alvo de campanhas apelativas, porque descobertas como um novo mercado. Com o intuito de "valorizá-las", as propagandas têm tentado impor-lhes falsas necessidades a fim de vender produtos da moda, cosméticos rejuvenecedores

duvidosos, pílulas para melhorar o desempenho sexual e tantos outros produtos que acabam se tornando aliados negativos em sua caminhada.

Convém, igualmente, salientar que há uma simbiose entre saber e poder. O conhecimento outorga o poder. A espécie humana é sempre inacabada e as pessoas de terceira idade ainda podem ser consideradas como sujeitos em construção. A atividade pedagógica de cunho ambiental para a 3ª idade vislumbra conferir-lhes mais autonomia e mais direitos. No que se refere aos direitos, especialmente sociais e ambientais, há vários documentos oficiais que se sucedem, os quais põem, na ordem do dia, novos programas de políticas públicas e generalizam o debate sobre o tema das garantias que a sociedade se dispõe a oferecer aos idosos.

Evidenciou-se na pesquisa bibliográfica, da mesma forma, na pesquisa de campo, que as mulheres estão respondendo de forma mais rápida aos chamamentos provenientes do “viver um novo e positivo tempo” na idade avançada. Em consequência, estão apropriando-se destes benefícios de forma mais eficiente, dada a sua maior participação. Envolver mais a figura masculina, ou seja, dirigir aos homens atividades mais atraentes e adequadas, poderia ser mais uma meta da educação ambiental.

Não é objetivo da educação ambiental dirigir-se especificamente para um determinado segmento da sociedade. Nosso estudo procurou apontar algumas bases que pudessem ser úteis nesse processo pedagógico, voltado para idosos, sem, contudo, concluir que conseguimos detectá-las em sua totalidade, diante do universo o qual a educação ambiental procura contemplar. Da mesma forma, sabemos que as alternativas indicadas podem ser úteis em qualquer etapa da vida.

O que importa é a tentativa de agregar esses novos atores sociais numa verdadeira e imprescindível revolução. “O saneamento básico deve ocorrer inclusive

na mente, no comportamento, nos significados, no imaginário e nos referenciais culturais” (RUSCHEINSKI, 2002, p. 70).

A relevância das questões ambientais exige um envolvimento amplo e corajoso. Passos decisivos deverão ser dados agora ou não haverá mais tempo de reverter o cenário catastrófico que se avizinha. A humanidade toda deve se sentir convocada para uma ação conjunta, desde as crianças que estão despontando até os idosos que já percorreram um longo caminho.

Especificamente, nosso trabalho, neste capítulo, escutou essas pessoas de longa vida sobre seu relacionamento com o meio ambiente. Seus depoimentos correspondem ao que esperávamos em alguns aspectos, como o desconhecimento de conceitos: o próprio meio ambiente, riscos, entre outros, bem como foram surpreendentes nas questões relativas à participação e cidadania. Há uma enorme vontade de continuarem vivos em todos os sentidos, isto é, não só com seus órgãos funcionando e, sim, com toda a mente e com todo o espírito. Os grupos organizados de 3ª idade têm contribuído de forma eficiente nesse processo. Por tudo isso, são territórios favoráveis para projetos de educação ambiental.